

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Entre a fábrica e a revolução: teoria política e antifascismo em Gramsci

Marília Gabriella Machado

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17791>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ENTRE A FÁBRICA E A REVOLUÇÃO: TEORIA POLÍTICA E ANTIFASCISMO EM GRAMSCI

MACHADO, Marília Gabriella Borges Machado.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1690-9983>.
<m.machado@unesp.br>
UNESP/FFC. Marília, São Paulo (SP), Brasil.

RESUMO: Este artigo analisa a formação teórico-política de Antonio Gramsci entre 1917 e 1926, período marcado pela Guerra Imperialista, pela Revolução Bolchevique e surgimento do fascismo. A tese central sustenta que a maior densidade teórica do comunista foi desenvolvida na práxis revolucionária anterior ao cárcere, especialmente na experiência cotidiana dos Conselhos de Fábrica, do *L'Ordine Nuovo* e fundação do *Partito Comunista d'Italia*. Sob esse prisma, a fábrica é compreendida como espaço produtivo e núcleo de elaboração política e cultural das classes subalternas. A filologia vivente é utilizada enquanto metodologia de sentido histórico-dialético e o método diacrônico para analisar a trajetória gramsciana por meio de jornais, cartas, atas e documentos do PCd'I, sobretudo artigos jornalísticos. A investigação articula teoria política e análise histórica do fascismo e antifascismo e conclui que as categorias de hegemonia, consciência crítica, partido e revolução são indissociáveis das lutas do proletariado e do campesinato. Demonstra-se que a ascensão fascista resultou da incapacidade das forças revolucionárias em consolidar uma nova hegemonia diante da crise orgânica do pós-guerra. É nesse sentido que ao analisar o pensamento de Gramsci em movimento, o estudo oferece contribuições para os debates contemporâneos sobre antifascismo, organização das classes subalternas e revolução socialista.

Palavras-chave: Gramsci, fascismo, antifascismo, partido comunista, conselhos de fábrica.

BETWEEN THE FACTORY AND THE REVOLUTION: POLITICAL THEORY AND ANTIFASCISM IN GRAMSCI

ABSTRACT: This article examines Antonio Gramsci's theoretical-political development between 1917 and 1926, a period shaped by the Imperialist War, the Bolshevik Revolution, and the rise of fascism. The central thesis argues that the communist's greatest theoretical density was forged in his revolutionary praxis prior to his imprisonment, especially in the daily experience of the Factory Councils, *L'Ordine Nuovo*, and the founding of the Communist Party of Italy (PCd'I). Within this framework, the factory is conceptualized as both a productive space and a nucleus for the political and cultural development of the subaltern classes. Methodologically, the study employs "living philology" (*filologia vivente*) from a historical-dialectical perspective, alongside a diachronic approach, to reconstruct Gramsci's trajectory. This analysis draws on newspapers, letters, minutes, and official PCd'I documents, with a primary focus on his journalistic writings. By weaving together political theory and a historical analysis of fascism and antifascism, the study concludes that Gramsci's core categories—hegemony, critical consciousness, the party, and revolution—are inseparable from the struggles of the proletariat and the peasantry. Ultimately, the paper demonstrates that the rise of fascism resulted from the revolutionary forces' inability to consolidate a new hegemony in the face of the post-war organic crisis. By examining Gramsci's thought "in motion," this study contributes to contemporary debates on antifascism, the organization of subaltern classes, and socialist revolution.

Keywords: Gramsci, fascism, antifascismo, communist party, factory councils.

INTRODUÇÃO

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Socialista (1917) transformaram radicalmente as relações entre Estado e sociedade na Europa e possibilitaram profundas mudanças nas formas de organização social. Na Rússia, a organização da classe operária e do campesinato mexeu nas entranhas do Estado czarista e expandiu os acontecimentos em nível internacional. O processo revolucionário iniciado em fevereiro foi construído pela ação do proletariado e do campesinato, com mulheres à frente, e se tornou muito mais do que uma ação conduzida por lideranças ou partidos políticos. As mulheres, sumariamente esquecidas e/ou apagadas da historiografia, desempenharam papel fundamental nas mobilizações que desencadearam a Revolução de Fevereiro e, posteriormente, participaram de diferentes espaços da vida política e social soviética.

Para além das fronteiras russas, operárias e operários, camponesas e camponeses, por meio de greves, manifestações, rebeldia, espontaneidade, ação organizada, lutas coletivas e cotidianos silenciosos intervieram diretamente na transformação da sociedade. Em diferentes países, a radicalização das massas, o fortalecimento das organizações operárias e a crise da hegemonia burguesa recolocaram em questão as formas de organização, direção e poder da classe operária.

Na Itália, os efeitos da guerra combinaram-se a uma profunda crise orgânica do capitalismo e da hegemonia liberal. Entre 1919 e 1920, o *biennio rosso* foi marcado pela intensificação das greves, pela organização dos trabalhadores e pelas ocupações de fábricas, especialmente nas regiões industrializadas do Norte. A organização da classe operária nas fábricas assumiu uma dimensão política que ultrapassou as pautas economicistas e corporativistas do sindicalismo e do socialismo partidário, colocando em debate a possibilidade de construção de novas formas de organização do poder operário.

Para Gramsci, Umberto Terracini, Palmiro Togliatti e Angelo Tasca, grupo que formou o semanário socialista *L'Ordine Nuovo*, em 1º de maio de 1919, a fábrica não deveria ser compreendida apenas como espaço de produção de mercadorias e exploração do trabalho, mas também como terreno de organização política, formação coletiva e construção de uma nova hegemonia. Os Conselhos de Fábrica passaram a ocupar lugar central na reflexão gramsciana sobre as relações entre classe, organização, Estado e revolução.

Ao mesmo tempo, a crise acirrou a luta de classes e possibilitou a organização da direita e o crescimento de forças reacionárias. Em março de 1919, Benito Mussolini fundou os *Fasci Italiani di Combattimento*, movimento que, diante do avanço da mobilização operária e da utilização sistemática

da violência das esquadras fascistas, ampliou sua influência política até a formação do *Partito Nazionale Fascista* (PNF), em novembro de 1921, e a posterior consolidação da ditadura fascista (1926). A ascensão do fascismo e a derrota do movimento operário italiano constituíram experiências decisivas para a elaboração política de Gramsci. Sua atuação como militante e dirigente do PCd'I, especialmente a partir de 1924, esteve acompanhada de uma reflexão sobre as razões da derrota revolucionária e sobre as formas de dominação capazes de garantir a hegemonia burguesa. Aprisionado em 1926, sua reflexão assumiu novas dimensões e articulou as experiências políticas vividas anteriormente à análise das relações entre Estado, sociedade, hegemonia, classes sociais e transformação revolucionária.

Embora este trabalho tenha Antonio Gramsci como referência central, não compreende os processos revolucionários exclusivamente a partir de sua trajetória ou de sua atuação como dirigente político. A escolha deste autor como eixo analítico decorre precisamente de sua capacidade de elaborar teoricamente sobre as experiências que participou e vivenciou organicamente. É cabível ressaltar que os processos históricos aqui analisados foram construídos por sujeitos concretos, organizados em partidos, sindicatos, conselhos, fábricas e no cotidiano muitas vezes silencioso. Recuperar essas experiências significa, portanto, deslocar a análise de uma narrativa centrada exclusivamente em lideranças e considerar a própria classe trabalhadora como sujeito da história. É nesse sentido que a presença das mulheres, ainda que não constitua o objeto específico deste artigo, também deve ser considerada, pois a participação nas mobilizações, greves e organizações políticas evidencia que a transformação revolucionária não foi obra exclusiva de dirigentes, mas resultado da ação de diversas pessoas.

É nesse trajeto, a partir de uma abordagem diacrônica de exposição e de pesquisa bibliográfica e documental, que este artigo busca demonstrar como a densidade da elaboração teórico-política de Antonio Gramsci se constituiu em um processo contínuo e dialético entre as questões políticas e sociais nacionais e internacionais, a experiência histórica do movimento operário e sua própria trajetória de militância. Sustenta-se que a relação entre fábrica e revolução ocupa lugar fundamental nessa elaboração, constituindo não apenas uma questão oriunda e limitada dos Conselhos de Fábrica e de *L'Ordine Nuovo*, mas um problema central para compreender sua reflexão sobre organização, hegemonia, Estado e práxis antifascista.

1. DAS RUAS ÀS FÁBRICAS: MULHERES, REVOLUÇÃO E PODER OPERÁRIO

O ano de 1917 ficou marcado como um acontecimento que transformou radicalmente a Rússia. Mas, para além do conhecimento histórico e da memória construída em torno da revolução bolchevique, o fenômeno histórico-político merece ser enxergado pelo prisma da ação de milhares de

mulheres que durante um rigoroso inverno, decidiram o futuro do país e abriram os caminhos para o socialismo. Munidas de paus, pedras e bolas de neve, forçadas pela fome, tomaram as ruas e se envolveram em violentos confrontos com o exército, entraram em greve e, de fábrica em fábrica, chamaram operárias e operários para as ruas.

Um mundo de homens em guerra (1914-1918), com milhares de mortes e inimizades entre os povos, o que restava para quem não estava no *front* - majoritariamente mulheres operárias e camponesas - era a baixa remuneração, a jornada de trabalho extenuante, fábricas insalubres com castigos físicos e a carestia. Algumas mulheres não tinham formação teórica revolucionária ou organização partidária, outras eram anarquistas, religiosas, bolcheviques, operárias ou camponesas, mas quando organizadas colocaram fim ao czarismo. A questão principal é que assim como a Revolução Russa não foi iniciada em 1917, mas fruto de um longo processo histórico, a ação das mulheres russas já era presente desde o século XIX, com escritos jornalísticos, literários, produções culturais e participação social.

O movimento surgiu no distrito de Vyborg, em Petrogrado: “as mulheres exigiram solidariedade e ação por parte dos homens (...) pedindo pelo fim da guerra e pelo retorno de seus homens que estavam no front”. A vanguarda da revolução de fevereiro foi formada por mulheres operárias e camponesas que, organizadas, culminou na destruição do czarismo. Apesar da desconfiança de operários e revolucionários homens, “as mulheres não foram meramente uma “centelha”, mas a força motriz que a impulsionou” (Trudell, 2017).

O conhecido líder da revolução, Vladimir Ilitch Ulianov, sob o pseudônimo Lenin¹, estava em exílio na Suíça durante os acontecimentos citados acima. Compreendia que os operários e camponeses não deveriam apoiar o governo, pois este deveria ser derrubado e os *Soviets* precisavam assumir o poder e aplainar o caminho para a revolução, com a palavra de ordem: “Todo poder aos *Soviets*!”. A Rússia vivia uma revolução democrática em que todos os grupos sociais e políticos colocavam suas demandas em um confronto aberto entre grupos e classes sociais distintas. O projeto político da

¹ Ao chegar na Rússia, em abril, Lenin encontrou seu país em grande movimento político, prestes a organizar o I Congresso dos *Soviets* de Deputados Operários e Soldado de Toda a Rússia, a ser realizado entre 16 de junho e 07 de julho de 1917. No dia 03 de julho, o Primeiro Regimento de Metralhadoras iniciou uma rebelião com o apoio de diferentes unidades militares que, ao coincidir com a Segunda Conferência Bolchevique da Cidade de Petrogrado, a base dos bolcheviques decidiu participar junto ao Comitê Central que se juntou ao movimento. A enorme repressão veio em seguida: no dia 05 de julho, o Comitê Executivo Central dos Sovietes e o Distrito Militar de Petrogrado lançaram uma operação militar para retomar o controle da capital, destruindo o Pravda e outros órgãos do proletariado (Reed, 2002).

burguesia era o de desenvolver o capitalismo, a defesa nacional e as fábricas; o proletariado, ainda que heterogêneo, lutava pelo socialismo; o campesinato tinha como objetivo o acesso à terra (Reed, 2002).

Após a tentativa de Golpe do general Lavr Kornilov, os bolcheviques passaram a ter mais influência nos *soviets*, inclusive com a eleição de Trotsky para presidente do *Soviet de Petrogrado* e em Moscou, Petrogrado, Quiev e Odessa os bolcheviques se tornaram maioria. O Comitê Central do Partido Comunista estudava a insurreição devido à incapacidade do Governo Provisório em cessar a crise econômica e a fome aumentou a radicalização das massas. Mas, na ala do Partido, apenas Trotsky e Lenin a defendiam. Nas fábricas e nas ruas, diariamente os bolcheviques preparavam a revolução com ataques diretos ao governo. Mulheres e homens participavam de comícios e comitês revolucionários foram organizados e ocupados em pontos estratégicos da cidade. Quando em 25 para 26 de outubro o Palácio de Inverno foi tomado, os ministros do Governo Provisório foram presos e foi formado o *Sovnarkom* (Conselho dos Comissários do Povo), presidido por Lenin, tendo aprovado os primeiros decretos revolucionários (Reed, 2002).

A emancipação da mulher foi um dos principais ganhos da revolução socialista, mas é preciso ressaltar que as próprias mulheres tornaram isto real, fosse de forma direta na luta revolucionária ou em suas lutas diárias e autônomas, não apenas como uma faísca extremada por necessidades materiais ou sufrágio universal. Mas, pelo direito à liberdade e a ser parte de uma nova sociedade. O mundo contemplava a possibilidade de igualdade formal, mas essas mulheres ocupavam postos no governo soviético, no Partido e no Exército Vermelho:

Muito antes da tomada do poder, tinham se proposto entregar a vida à Revolução. E foi isso o que fizeram. Ilustrando com seu sangue o programa de seu partido, não foram objetos passivos da emancipação, senão que, unidas à classe operária, foram sujeitos e protagonistas (Pablo, 2023, p.9).

O protagonismo das massas subalternas russas e a emergência dos *Soviets* como órgãos de democracia direta e autogoverno exerceram profunda influência na formação teórico-política de Gramsci. Mesmo com poucas e atrasadas informações sobre a revolução, enxergava a revolução como uma expressão viva e contínua da práxis operária e camponesa e foi justamente na experiência russa que o jovem socialista encontrou os fundamentos para a tradução da experiência internacional em nível nacional e criação de uma teoria revolucionária.

De fato, ocorreu o esperado por Gramsci e a Revolução não ficou restrita apenas à Rússia e milhares de pessoas ao redor do mundo se organizaram para dar fim ao capitalismo e as mulheres tiveram papel fundamental nesses processos, inclusive ocupando a linha de frente nas inúmeras greves

e manifestações. Na Itália, a radicalização do movimento operário ganhou particular intensidade no pós-guerra e Turim se tornou palco de uma das experiências mais significativas. No norte italiano, a experiência dos Conselhos de Fábrica iniciou um processo de revolução socialista, mas que ficou restrita àquela região e, dois anos depois, fez com que a revolução fosse sufocada e destruída internamente devido à falta de apoio e direção do *Partito Socialista Italiano* (PSI), bem como dos acordos realizados com o patronado pela aristocracia operária da *Confederazione Generale del Lavoro* (CGL).

Na cidade de Turim, onde Gramsci residia desde 1911, o movimento operário estava direcionado para a disputa de hegemonia frente ao Estado burguês italiano. O PSI e a CGL, institutos contratuais da classe operária, influenciavam diretamente o Parlamento do país e a forma de organização das classes subalternas. Ainda que contasse com a fração abstencionista e *massimalista*, foi o grupo *ordinovista*, composto por Gramsci, Tasca, Togliatti e Terracini que defendeu e apoiou os Conselhos de Fábrica. Em 1º de março de 1919, os quatro jovens fundavam o semanário *L'Ordine Nuovo – Rassegna settimanale di cultura socialista*, com o objetivo de impulsionar e desenvolver o pensamento, a vontade socialista e a incitação popular (*L'ordine Nuovo*, 1919, p.02).

A revista logo se tornou porta-voz do movimento operário organizado nos Conselhos de Fábrica com a proposta de debater “as razões fundamentais da sociedade comunista e da organização prática”. A tradução da teoria se tornava objeto “para elaboração de um programa máximo do Estado socialista, que satisfaça as necessidades da situação nacional e internacional”. As indicações do primeiro número já mostravam o caráter revolucionário, ainda que bastante culturalista, do semanário (*L'ordine Nuovo*, 1919, p.02).

Em 21 de junho, poucos meses após a criação dos *Fasci di Combattimento* (23 de março de 1919), Gramsci publicou o famoso artigo *Democrazia Operaia*, responsável por trazer à tona o debate sobre os Conselhos de Fábrica. É certo afirmar que esse texto vai além de incitação popular e propaganda comunista, pois o autor analisa concretamente a conjuntura nacional e internacional. O contexto de guerra e crise orgânica e da hegemonia liberal que assolava o país está presente nas primeiras linhas enquanto forças sociais que foram despertadas pela Guerra Imperialista e que necessitavam ser organizadas, direcionadas e dominadas.

As principais indicações de Gramsci formularam as bases para o desenvolvimento da consciência política fundamentada nos Conselhos de Fábrica: liberdade, organização, gestão da produção e controle operário. Mas, o ponto principal colocado pelo autor é a importância da *práxis* e ao direcionamento da construção do Estado socialista. Turim tornava-se a Petrogrado italiana e em linha com a concepção teórica de Lenin - ainda que Gramsci não tivesse tanto conhecimento dos

textos do líder bolchevique -, o jovem jornalista entendia os Conselhos de Fábrica como o gérmen do Estado Operário e como uma forma de democracia direta capaz de fundar uma nova hegemonia.

As formulações de Gramsci dialogavam com a realidade italiana na medida em que realizava críticas ao PSI e a CGL pela ausência de direcionamento da revolução, bem como de domínio das forças sociais antagônicas. O Partido e o Sindicato se mostravam incapazes de travar a disputa pela hegemonia, mesmo durante a guerra de movimento. O PSI não possuía homogeneidade política e ideológica na direção do movimento operário, por mais que desenvolvesse a fraseologia socialista. Não por acaso, o semanário *L'Ordine Nuovo* realizava esse movimento político conforme introduzia novos termos e conteúdos revolucionários.

2. A DERROTA REVOLUCIONÁRIA E A LUTA ANTIFASCISTA

Até 1920, Gramsci acreditava que o PSI e a CGL poderiam se auto renovar, apoiar a insurreição popular de Turim e expulsar os reformistas da direção política de ambas as instituições, o que não foi realizado. A ausência de direcionamento e domínio do Partido e do Sindicato, abriu portas para que os Conselhos de Fábrica se desenvolvessem e iniciassem um processo de ocupação das grandes fábricas turinenses. No entanto, a falta de expansão dos Conselhos para outras regiões italianas, bem como os acordos realizados pelo Sindicato e pelo Partido com o patronato, fez com que a revolução entrasse no ostracismo e no sufocamento.

A derrota dos Conselhos foi inevitável, tal como foi a derrota da revolução socialista na Rússia e nos outros países. Os reformistas acusavam a experiência conselhistas de anarco-sindicalismo, a direção dos Sindicatos e do PSI não concordavam com a participação das massas e afastavam-se paulatinamente do movimento operário. Por mais que *L'Ordine Nuovo* e os operários se empenhassem, com greves e fábricas ocupadas na luta pela expansão dos Conselhos e da construção do Estado operário, a ausência do PSI e da CGL foi importantíssima para o fim da revolução italiana (Machado, 2020, p.135).

A disputa pela hegemonia frente ao Estado burguês teve seu fim com a derrota do movimento operário em 1920, após a desocupação das fábricas. O fascismo encontrava o movimento operário derrotado, desorganizado e sem grandes forças de ofensiva revolucionária, de forma que se desenvolvia no meio político da guerra de movimento forçando a classe operária a disputar a guerra de posição, no Parlamento. É, portanto, correto afirmar que o movimento operário italiano já estava derrotado e completamente desorganizado em 1920, quando o fascismo, no nível da violência política, do discurso combativo da psicologia da guerra, pouco consolidado e teoricamente eclético e confuso, abrangia principalmente os centros urbanos.

O fascismo foi germinado no momento em que sua maior liderança, Benito Mussolini, era expulso do PSI (1915) por apoiar a Guerra Imperialista e fundou, com financiamento de capital estrangeiro inglês, o jornal *Popolo d'Italia*. O ressentido ex-socialista levou consigo parte da militância anarquista e de sindicalistas revoltosos. Sem fundamentação teórica clara, em 23 de março de 1919, na *Piazza San Sepolcro*, de Milão, dá origem aos *Fasci Italiani di Combattimento* com pouco menos de 200 militantes, em sua maioria jovens revoltados, *Arditi* e ex soldados da guerra. Com a crise orgânica, a massa não possuía a mesma capacidade e agilidade de se orientar e se organizar. Nesse momento, Mussolini surgiu como um homem provincial e carismático. A classe dirigente, por sua vez, muda homens e programas, retoma o controle, se sacrifica e faz promessas demagógicas, mas se mantém no poder (Gramsci, 2014, Q.13 §23, pp.1602-1603).

O movimento de Mussolini soube aproveitar o momento para tornar-se hegemônico, não como uma alternativa ao poder burguês, mas como reestruturação do bloco histórico de poder. É possível afirmar que durante a mudança para a guerra de posição (1921), o fascismo buscou ser dirigente sem estar no Estado conforme se articulou com um aparato de direção política. Um dos textos essenciais para compreender esta análise é *Prosseguire Nella Lotta*, artigo de 24 agosto de 1921, em que observou a situação de crise das fábricas italianas como um desequilíbrio das indústrias e fracasso do capitalismo. O tema retornou para a organização da classe operária e do campesinato em organismos autônomos da própria classe que fossem capazes de articular cultura, política e trabalho.

Os trabalhadores e os camponeses querem tomar consciência da crise e resolvê-la, mas não para colocar de pé o capitalismo, que os reduz à fome e os oprime com seu aparato de exploração. Os operários e os camponeses devem lutar por sua libertação. A crise que os lançou nos braços da fome não é a que ocorre periodicamente no mundo da produção capitalista. A extensão da crise é tal que só se sai dela de uma maneira: ou com o esmagamento geral da classe trabalhadora, ou com a morte completa do capitalismo. Mas com esta diferença: somente a classe trabalhadora é capaz de restaurar o equilíbrio no mundo da produção destruído pela guerra. A classe operária, portanto, só tem um caminho: lutar até a vitória, se quiser salvar a si mesma e a toda a humanidade da ruína do aparato geral de produção. A primeira condição dessa vitória, naturalmente, é resistir ao ataque dos patrões às condições de vida alcançadas pela classe operária (Gramsci, 1974, pp.293-294).

Gramsci continuou apoiar a formação de conselhos operários e de desempregados para o estabelecimento de uma ligação estreita com a vida na fábrica, com a direção do Partido Comunista - organismo inevitável para a transformação da situação a que as classes oprimidas estavam submetidas, assim como para a construção de uma frente única sindical orientada pela Internacional. Desde o III Congresso da IC, 22 de junho e 12 de julho de 1921, a conclusão foi de que o processo revolucionário internacional se desenvolveria por mais tempo mesmo com a presença da ofensiva do capital.

Nas lutas de classes seria essencial que os Partidos Comunistas atuassem no desenvolvimento da consciência da classe operária com educação, propaganda e organização. Por meio da luta cotidiana, seria possível travar a luta efetiva contra a burguesia e construir uma estratégia revolucionária. Uma das decisões do III Congresso da IC foi de que o PSI e o PCI precisariam se fundir para lidar com a situação imposta no país. A tese da frente única serviria para unificar as forças do proletariado diante dos ataques constantes do Capital. Contudo, os delegados italianos se declararam contrários à construção de uma unidade política com os socialistas e favoráveis a uma unidade sindical.

A tática de construção de uma frente única sindical serviria para resolver “os problemas centrais da defesa das conquistas alcançadas pelos operários e pelos camponeses nos últimos anos”, sendo que os comunistas precisariam conquistar o controle da CGL e “de todas as organizações operárias, a adoção de seu claro programa de luta, o único capaz de garantir a defesa das posições alcançadas pelo proletariado italiano” (Gramsci, 1974, pp.376- 378).

Para Gramsci, a principal tarefa do movimento operário era que a classe operária e o campesinato fossem capazes de se manter em uma organização que defendesse seus interesses e que suas conquistas não fossem subtraídas pelo fascismo. No entanto, a revolução passiva legalizava a violência fascista e o Estado, por mais que se mantivesse em meio de conflitos e crises, permitia cada vez mais os atentados, os desfiles das esquadras portando armas, bombas e mosquetes. Estava cada vez mais claro que o fascismo não seria um fenômeno passageiro e que o Estado reconhecia nos fascistas “uma autoridade independente e trata-os, como iguais, e reconhece-lhes o direito, se não houver paz, de continuar impunemente e atear fogo, a assassinar, a invadir cidades e vilas, decretar exílios e dissoluções de administrações públicas” (Gramsci, 1974, p.242).

A reorganização do Estado burguês era o objetivo das classes dominantes. Não por acaso, passaram a enxergar o fascismo como a força bruta para rearticular o bloco histórico de poder burguês. A base do fascismo deixava de ser apenas a pequena burguesia e se tornava também a burguesia agrária reacionária e industrial. O massacre que a classe operária vivenciava nas ruas refletia a vitória militar dos fascistas e a guerra de posição acontecida concomitantemente à guerra de movimento: nas ruas o sangue operário era derramado, os espancamentos, assassinatos e incêndios pareciam inacabáveis. Nas mais altas dimensões do Estado, Mussolini firmava diferentes acordos e pactos com quem quer que fosse para garantir-se no poder.

A luta era por hegemonia, por um novo conformismo social e construção de um novo bloco histórico e para Gramsci estava certo que o Partido Comunista deveria ser o operador da autoeducação das massas para lutar contra o conformismo burguês reacionário. Muito diferente da proposta fascista,

o programa revolucionário de Gramsci refletia a necessidade de construção de uma sociedade de produtores, processo que só pode ser elaborado pelo homem político que possui a finalidade de se autogovernar “na base de uma nova relação entre indivíduo e coletividade” (Gramsci, Q. 7, §12, p.863, 2014).

No entanto, a revolução socialista estava longe do horizonte da situação concreta italiana e o *Biennio Rosso* não se repetiria na brevidade do tempo. Os comunistas insistiam nas problemáticas em torno do PSI e a análise era de que o fascismo vivia uma crise - presente até 1926 - e que a revolução estava no horizonte próximo. No entanto, o fascismo se articulava diariamente para a conquista das casamatas e do próprio Estado. A pequena política (intrigas entre os fascistas) não era sério problema a ponto de desarticular as esquadras ou de acabar com o apoio financeiro que as milícias de Mussolini recebiam.

3. A FORMAÇÃO DO NOVO GRUPO DIRIGENTE DO PCd'I

A resistência somente poderia acontecer a partir da fábrica e da luta coletiva do proletariado, “mirar na própria organização, na capacidade de luta, no espírito de luta da classe trabalhadora”. A formação dos Conselhos de Fábrica e as ocupações de Torino, em 1920, chamaram atenção dos industriais e dos capitalistas para a capacidade organizativa e revolucionária do proletariado para além dos interesses sindicais, tanto que a ação violenta ocorreu para impedir a formação de uma democracia operária a nível estatal, bem como para destituir “a consolidação do poder operário no interior das fábricas” (Gramsci e Tasca, 1974, p.511).

Certamente a concepção e a experiência do *Biennio Rosso* não foi esquecida por Gramsci, pois até mesmo em cartas posteriores, documentos e nos *Quaderni del Carcere*, os Conselhos de Fábrica são citados. Para o comunista sardo, a resistência e a revolução eram algo inseparáveis e que deveriam partir de um novo tipo de organização fabril, com uma base representativa capaz de abranger a classe operária para o controle imediato de todas as atividades produtivas. Caso o processo fosse este, em três momentos essenciais a resistência e a revolução se desenrolariam: na fábrica pela própria fábrica, com o controle das jornadas de trabalho, das demissões, contratações, disciplina e dos salários. Em segundo momento, os operários deveriam adentrar completamente no campo da produção para que pudessem ocupar os lugares vitais da classe operária. O terceiro momento seria aquele no qual o proletariado mais preparado convocaria todas as classes exploradas para a luta (Gramsci, 1974).

Os anos que se seguiram não foram fáceis para Gramsci e muito menos para a classe operária. Entre 1922 e 1924, o militante comunista esteve na Rússia e em Viena, momento que conheceu Lenin

e Giulia, sua esposa. O contato com o exterior o fez conhecer o mundo socialista e estabelecer contato com comunistas austríacos e outros povos, fazendo com que a sua experiência internacional aprofundasse o seu olhar para a revolução socialista internacionalista e a necessidade de organização da classe operária e camponesa. No Partido, Gramsci passou a se impor, mas o entrave com o grupo de Tasca e com a esquerda liderada por Bordiga parecia não terminar.

Na Itália a situação estava cada vez pior. A censura e a violência eram incessantes e Bordiga pressionava lideranças do Partido para assinar seu *Manifesto*. Gramsci finalmente escreveu para Scoccimarro sobre sua recusa em assinar o documento. Na carta não há nenhuma menção em dirigir o Partido e não há explicação sobre todas as questões para um rompimento com Bordiga, mas uma chamada para colaboração dos militantes no *L'Ordine Nuovo*, inclusive de Tasca, Pietro Tresso (Lanzi), dirigente dos sindicatos, e Afonso Leonetti (Ferri), responsável pela propaganda e jornais do PCI. Ainda assim, passou a esboçar a formação de um novo grupo dirigente dentro do PCI, consolidado apenas em 1926 durante o III Congresso do Partido. Mesmo com risco de rejeição e isolamento, Gramsci deixou claro seu desacordo com o Manifesto e esboçou sua compreensão diferente de Partido revolucionário:

Tenho uma concepção diferente de Partido, da sua função, das relações que devem ser estabelecidas entre ele e as massas não partidárias, entre ele e a população em geral. Absolutamente eu não acredito que a tática que se desenvolveu nos Executivos Ampliados e no Quarto Congresso esteja errada. Nem para o cenário geral, nem para detalhes relevantes (Gramsci, 1992, p.161).

Gramsci, enquanto membro da Executiva do Comintern e do Comitê Central do PCd'I, relatava a situação interna do Partido e passou a se posicionar abertamente contra o extremismo de Tasca e Bordiga. Nos primeiros meses de 1924, trocou muitas correspondências com os camaradas do Partido sobre a organização técnica, rígida e centralizada que estavam desde a fundação. A empolgação de Gramsci com o retorno de *L'Ordine Nuovo* significou novamente a possibilidade da união da política com a cultura, ou seja, de relação do partido com as mais amplas massas. Contudo, o fascismo agia no intento de fazer campanhas sistemáticas sobre a derrota da revolução socialista e destruição da ideologia revolucionária, sustentando que “o programa revolucionário fracassou e que por pelo menos cinquenta anos não se poderá mais falar dele” (Gramsci, 1992, p.184).

O novo grupo dirigente possuía muitos desafios a frente: se articular contra o fascismo; delinear o futuro das ações do Partido na frente contra o oportunismo e o sectarismo e lidar com o falecimento de Lenin que trazia significativas mudanças na Internacional e nos partidos comunistas. Fazer frente à Bordiga e Tasca também não foi tarefa fácil para Gramsci, pois além do respeito aos

camaradas, tratava-se de fortes figuras no movimento operário. Ainda assim, militante sardo se mostrava a melhor opção para o Partido e luta antifascista, pois era um dos únicos militantes com notável preocupação em defender a classe operária italiana do fascismo.

Para Gramsci, a forma mais acertada de fazer isso seria elaborar a organização e atuação do partido com as massas e essa posição fica clara nas duas correspondências enviadas, sob o pseudônimo de Masci, para os companheiros do Partido. Pede que suas posições sejam divulgadas para Terracini, Palmi, Negri, Ferri, Lanzi, Platone, Rita Montagnana e Gennari. Importante seria, portanto, discutir profundamente com as massas a situação interna e a formação dos grupos que disputavam a direção do PCI. No começo da primeira carta, Gramsci analisou a situação interna do Partido Comunista Russo e reconheceu a importância de se deter no tema da disputa entre as diferentes correntes, pois o estatuto da Internacional Comunista dava ao partido a “hegemonia da organização internacional” (Gramsci, 1992, p.226).

Os anos exigiam uma resposta e ação rápida para a situação que se desenvolvia no país. De acordo com Gramsci, “a situação criada pelo fascismo impediu que esta flagrante contradição fosse sanada a tempo”, e a conclusão foi sobre a impossibilidade de “organizar fortemente um partido comunista se não concordarmos intimamente com as normas internacionais”. A bandeira da Internacional acabou por polarizar os elementos do Partido e criou um estado de mal-estar entre a direita de Tasca e o grupo de Bordiga. Resolver organicamente as questões com a IC se mostrava essencial, assim como “estabelecer para o partido uma nova plataforma” e “rever as teses do Congresso de Roma”, para que a discussão “ocorra de tal forma que cada célula da fábrica e dos vilarejos sejam capazes de assimilá-la e irradiar os resultados para toda a massa operária e camponesa” (Gramsci, 1978, p.183).

Na lógica da constituição de Gramsci enquanto dirigente do Partido, se opor à Bordiga e discutir os problemas que foram criados na relação com a Internacional esteve presente em grande parte da intervenção do sardo na *Conferenza di Como*, realizada em maio de 1924. No entanto, novamente os rumos da política italiana foram modificados. O assassinato do deputado Giacomo Matteotti escancarou a crise política do fascismo: “na noite de 11 de junho, tendo saído de casa por um breve momento, ele nunca mais retornou: não havia mais notícias dele” (Ravera, 1973, p.187).

O assassinato de Matteotti demonstrou uma desintegração na base social do fascismo muito avançada nas eleições de abril de 1924. No desenrolar dos eventos, o fascismo se viu desvinculado de sua base social de massa, mas também se descobriu como uma organização militar pura e isolada no país. Os republicanos, também pequeno-burgueses, e a oposição não fizeram alianças com o

proletariado e com o campesinato para criar uma República pequeno-burguesa, com expressão parlamentar ligadas ao capitalismo, mas não ao fascismo (Gramsci, 1978, p.192).

Muitas foram as manifestações antifascistas que ocorreram e Gramsci ocupou um papel basilar nos discursos políticos que protagonizou, os quais “o fizeram ser reconhecido como um líder político não só do Partido, mas nacional” (Ravera, 1973, p.189). O clima parecia revolucionário² e muitas pessoas passaram a estocar farinha e outros alimentos, mas Gramsci entendia que para expulsar os fascistas do governo, uma revolução socialista precisaria ocorrer, pois apenas a condenação moral não resolveria.

A situação nacional obrigava o PCI a elaborar uma tática imediata de luta antifascista. O Partido Massimalista e o Partido Unitário formavam, junto com o Avanti! e com a CGL, um bloco de oposição burguesa e não proletário. A luta contra o fascismo tomava apenas as pequenas proporções do campo parlamentar e não a criação de um vasto movimento autônomo da classe operária.

A análise de Gramsci sobre a situação nacional mostrava a construção do novo núcleo dirigente do Partido e a maneira que o trabalho de formação e educação dos camponeses e operários estava sendo realizado: com múltiplas reuniões, conversas, informações, questões de princípio e organização. As notícias eram boas, visto a capacidade de organização e massificação do fascismo: com os meses de propaganda, foi triplicado o número de membros, o jornal cresceu 120 por cento em três meses e a organização sindical passou a se organizar em torno da célula comunista, além da propaganda partidária alcançar cada vez mais os camponeses, com mais de 2000 membros articulados na defesa nacional da terra (Gramsci, 1992, p.385).

O Partido, ilegal, se reunia clandestinamente sempre com o risco iminente de prisões, sequestros e dispersão dos arquivos. Após a morte do deputado fascista Armando Casalini (1883-1924), Gramsci – conhecido pelos fascistas como um quadro político muito importante em Roma - passou a ser vigiado e foi reconhecido por um fascista turinês. Seguido pelos fascistas e pela polícia, precisou ser mais cauteloso e teve suas atividades dificultadas, assim como sua frequência e participações em reuniões. Ainda assim, a experiência política que acontecia no país, preocupante e nova, deveria ser resolvida e os congressos provinciais mostravam a capacidade de luta e de força dos comunistas (Gramsci, 1992, p.386).

² Concomitante à crise Matteotti, acontecia o V Congresso da Internacional Comunista e Gramsci ficou retido em Roma, ocupando Togliatti seu lugar de delegado. Partiram também para Moscou: Bordiga, Tasca, Grieco, Mersú, Gnudi, Perrone, Venegoni, Teresa Recchia, Leonetti, Fugazza, Bibolotti, Massini, Berti, Serrati e Maffi (Ravera, 1973).

Na virada de 1925 para 1926, a violência fascista institucionalizada realizava as modificações na estrutura legislativa italiana. Com a nova Lei Eleitoral, as mudanças no regime administrativo, o controle sobre todas as organizações de massas, o controle nos sindicatos que impedia a CGL de realizar acordos e minimamente apoiar o proletariado, assim como a supressão da imprensa e ilegalidade dos partidos políticos, abriam o espaço para a derrota completa da democracia burguesa e início da ditadura. Violência física e perseguição policial, no campo ou nas cidades, não foram uma novidade de 1926, pois desde 1921 as milícias assassinas de Mussolini disseminavam o terror de modo sistemático.

O ano de 1925 terminou com grande expectativa para o encontro clandestino em Lyon e com acirramento da violência fascista que resultou nas Leis Fascistíssimas, fechamento dos jornais, caçada a qualquer força da oposição e dissolução do PSU. A ditadura fascista estava prestes a ser oficializada, o que fatalmente ocorreu em 1926, quando Gramsci se tornou Secretário Geral do PCd'I e foi aprisionado meses depois, em novembro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise ao longo deste trabalho evidenciou que a densidade da elaboração teórico-política de Antonio Gramsci se constituiu no processo dialético de acontecimentos cotidianos, nacionais e internacionais, que construíram sua teoria voltada para a revolução socialista e construção de uma nova hegemonia. O estudo faz uma abordagem histórica, mas busca não se limitar a questões históricas, pois compreende que a relação entre fábrica e revolução deve ser o fio condutor da práxis revolucionária e antifascista.

Para Gramsci, a fábrica não é apenas um espaço de exploração do trabalho, mas um local em que se é possível desenvolver o equilíbrio psicofísico, a autodisciplina, a autoeducação, o controle operário e, conseqüentemente, uma nova hegemonia fundamentada na democracia operária e autogestão dos produtores. A vivência do jovem comunista com os operários e camponeses, na Internacional e no PCd'I tornaram seu olhar mais apurado para a realidade da classe operária e para a construção da revolução socialista.

Na luta pelo socialismo, Gramsci muito abdicou de sua vida, inclusive de sua liberdade ao passar pouco mais de dez anos encarcerado nas prisões fascistas. Ainda assim, seu desejo era de uma nova sociedade, mais justa e igualitária, com claro espírito de cisão da ideologia burguesa, do ego e do individualismo. A derrota do movimento operário no *biennio rosso*, o da primeira vítima do fascismo – Teresa Galli, costureira socialista de dezenove anos, o assassinato de Matteotti, de milhares de

militantes comunistas, de padres, socialistas, anarquistas, camponeses, e do seu grande amigo Piero Gobetti, nos possibilita refletir que o fascismo precisa sempre ser combatido.

Por fim, este artigo resgata a premissa de que os processos históricos são construídos por sujeitos concretos. Ao recuperar as experiências de operárias, operários, camponesas e camponeses — com destaque para o protagonismo das mulheres que impulsionaram a Revolução Socialista na Rússia ou dos operários que ocuparam as fábricas em Turim —, buscou-se deslocar a análise das narrativas centradas exclusivamente em grandes lideranças. Sob o método da filologia vivente, a práxis antifascista gramsciana não é mera reação defensiva, mas a elaboração projetual de autogoverno organicamente oriundo de uma sociedade de produtores e em uma nova relação ética entre trabalhador e trabalho.

REFERÊNCIAS

- GRAMSCI, Antonio. **La costruzione del Partito Comunista d'Italia (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. **Lettere (1908-1926)**. A cura di Antonio Santucci. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Roma: Istituto Gramsci (IGS), 2014.
- GRAMSCI, Antonio. **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, Antonio; TASCA, Angelo. "Il Partito Comunista e i sindacati" (Risoluzione proposta pelo Comitê Central para o II Congresso do PCd'I). In: GRAMSCI, Antonio. **Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974.
- GRAMSCI, A. **La costruzione del Partito Comunista d'Italia (1923-1926)**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.
- L'ORDINE NUOVO: **rassegna settimanale di cultura socialista**. Torino, 1919.
- MACHADO, Marília Gabriella. **Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1920)**. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2020.
- MACHADO, Marília Gabriella Borges. *Gramsci em movimento: política, trabalho e revolução (1917-1926)*. 2025. 291 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2025.
- PABLO, Óscar de. **As bolcheviques**. São Paulo: Veneta, 2023.
- RAVERA, Camilla. **Diario di trent'anni (1913-1943)**. Roma: Editori Riuniti, 1973.
- TRUDELL, Megan. "As mulheres de 1917". In: URSO, Graziela Schneider (org.). **A revolução das mulheres, emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Esta pesquisa não utilizou de Inteligência Artificial.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) para doutorado no Brasil e doutorado sanduíche na Itália.

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORA: Conceituação; Metodologia; Investigação; Análise formal; Curadoria de dados; Escrita – preparação do rascunho original; Escrita – revisão e edição; Visualização.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora Marília Gabriella Borges Machado declara não haver conflitos de interesse.

MINIBIOGRAFIAS DA AUTORA DO PAPER: Doutora em Ciências Sociais (UNESP/FFC), com estágio de pesquisa na *Università degli Studi di Cagliari* e na *Fondazione Gramsci*, em Roma. É professora na UNESP/FFC, na Faculdade Católica Paulista, na Seduc-SP e realiza pós-doutorado na UNESP/FFC e na *Università di Pavia* em Ciência Política.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.